

SESSÃO 30 – ARTIGOS

TRAÇADOS POSSÍVEIS DE UM DESLOCAMENTO: SOBRE PORÇÕES DE TERRITÓRIO E PAISAGENS INVENTADAS

Aline Nunes da Rosa¹

Resumo: A escrita produzida aqui busca problematizar o tema dos deslocamentos, que norteou a tese de doutorado intitulada “Sobre mudar de paisagens, sobre mirar com outros olhos: narrativas a partir de deslocamentos territoriais”, desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Arte e Cultura Visual, da UFG. Os deslocamentos são entendidos como potências de reinvenção, presentes nas narrativas de sujeitos em deslocamento territorial. No texto abordo o conceito de desterritorialização (DELEUZE e GUATTARI, 1989; 1997; 1997a) como forma de problematizar os modos com que nos relacionamos e lidamos com os desejos de partida e as mudanças de territorialidades, na medida em que novas paisagens são inventadas.

Palavras-chave: Deslocamentos; paisagens; desterritorialização.

Um deslocamento



Imagen 1: “Provvisorio” (2013). Aline Nunes. Fonte: arquivo pessoal

Uma pesquisa *sobre* deslocamentos territoriais, produzida *em* deslocamento e enquanto *ela mesma* um deslocamento. Movimentos de desterritorialização e reterritorialização, que não tinham a ver com o ato de deixar ou ganhar territórios geográficos, mas sim, que tinham a ver com abalos, revisões de mundos, afetos, negociações consigo e com o outro, estados de território.

Como pessoas que vivenciam processos de mudanças territoriais produzem em si deslocamentos para além da mudança de cidade, estado ou país? Que mudanças, que torções de pensamento acontecem em meio a estas experiências, produzindo desterritorializações?

Os questionamentos que dispararam esta escrita configuraram parte da tese intitulada “Sobre mudar de paisagens, sobre mirar com outros olhos: narrativas a partir de deslocamentos

¹ Professora colaboradora do Departamento de Artes Visuais, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC e da Rede Pública de Ensino de Florianópolis. Doutora em Arte e Cultura Visual pelo Programa de Pós Graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV), da Faculdade de Artes Visuais (FAV), da Universidade Federal de Goiás. E-mail: ameline.nr@gmail.com.

territoriais". Nesta pesquisa, as narrativas autobiográficas produzidas em torno ao tema do deslocamento territorial foram potências para aprender: sobre o outro, sobre mim, e sobre como nos construímos na medida em que nos deixamos tocar, encharcar, contaminar, produzindo assim mudanças naquilo que temos como territorialidades.

Deleuze e Guattari (1988; 1997; 1997a) em seu conceito de desterritorialização dizem que, para que haja tal ruptura é necessário que antes haja um território, com fronteiras bem demarcadas. Ainda, reforçam a ideia de que, havendo desterritorialização haverá, por conseguinte, novos movimentos de reterritorialização, pois que, haverá sempre a necessidade de se criar novos portos, novas terras por onde estabelecer outros vínculos. A reterritorialização compreende um reposicionamento, ainda que provisório: pressupõe novas aprendizagens em outras relações, mas mantendo ainda o elemento desterritorializado.

Sair de um território, deixar o que antes era seguro e familiar, desacostumar-se de espaços, ideias e pessoas coloca-nos em perspectiva, nos tira o que antes era certeza, e nos obriga a ver com nosso “olho vibrátil”, esta potencialidade que não mais o deixa ver de modo desatento, mas que o faz ser tocado pela força daquilo que vê (ROLNIK, 1997, p. 01).

Quando nos deslocamos entre lugares, saindo de um território para (aos poucos) conquistarmos outro, como vamos narrando a nós mesmos a partir deste ato? Como nos reposicionamos a partir da saída de um lugar já conhecido para outros, sem vínculos e propriedades, nos quais se tem a possibilidade de contar-se de outros modos e de criar novos laços?

Como forma de tentar mapear algumas das coisas que passam em meio aos trânsitos por entre territórios, e a partir dos diálogos com autores e com sujeitos que se encontravam em deslocamento territorial, no decorrer do exercício de pensar sobre o tema de investigação fui percebendo que as mudanças mais importantes não se tratavam exclusivamente do lugar em si, geográfico, mas daquilo que se é capaz de agenciar a partir dele. Não por acaso, meu encontro com o conceito de desterritorialização acabou se mostrando potente para pensar, problematizar ou mesmo, para produzir possibilidades de experimentação, que estivessem implicadas e interviessem nos modos com que nos relacionamos e lidamos com os desejos de partida e as mudanças de territorialidades. O conceito, por sua vez, não foi tomado como totalidade de um pensamento. Ele foi empregado para cartografar um processo, utilizado de forma fragmentada, naquilo que me parecia conveniente.

Das derivas produzidas nesta tese doutoral, mais do que registrar vivências e memórias, dando conta de fatos, acontecimentos e da própria sucessão de dias, o intuito foi convidar os sujeitos participantes deste trabalho a pensarem sobre o que neles era deslocado enquanto se deslocavam, pensar sobre a própria experiência de sentir-se estrangeiro de si, na medida em que se colocavam à prova, em que se colocavam em estado de espreita em nome da possibilidade de dar vazão ao que é diferente daquilo que já lhes era sabido.

Novo deslocamento

“Un amigo me dijo una vez que el verdadero viaje de descubrimiento no consiste en cambiar de paisaje, sino en mirar con otros ojos”².

A partir da deriva, encontram-se superfícies irregulares: calçadas quebradas, ladrilhos desgastados que apontam caminhos de passagem, solos arenosos, poças de barro que nos fazem cambiar o ritmo a distância entre passos, para que se transformem em saltos. Experimentar estas rotas é também uma forma de criá-las, de inventar e “delirar caminhos”. Delirar paisagens que

² Fala da personagem Lucía, no filme “La hija del caníbal”, em português intitulado como “Aos olhos de uma mulher”.

só existem nas histórias de cada um, que vai montando seu quebra-cabeça existencial, a partir das peças catadas durante o percurso. Nem só de caminhos se cria este quebra-cabeça, muito dele se configura de memórias guardadas: uma cor de céu, um dia de vento norte com cheiro de bergamota, o ruído das janelas batendo. Um passeio de bicicleta que inclui um tombo numa esquina de chão molhado e, de quebra, contorce o corpo com gargalhadas.

A tese teve como propósito discutir a constituição de paisagens tomando como matérias os escritos, os fragmentos de conversa, as imagens e outros fenômenos visuais que marcaram os deslocamentos vivenciados, observando a partir disso os movimentos de desterritorialização e reterritorialização, contínuos ao longo do percurso investigado.

Das escritas autobiográficas e das imagens relacionadas às suas experiências, partindo de algumas recorrências, deu-se o surgimento de paisagens. As paisagens, contudo, iam além da figuração/representação dos espaços: operavam como ideias e conceitos para dizer desses fluxos de desterritorialização e reterritorialização, percebidos nas narrativas dos sujeitos envolvidos nesse processo.

As paisagens que configuraram tais fluxos foram:

- *Callejeo*: A ideia de *callejeo* enquanto paisagem ajuda a pensarmos na potência existente em se deixar levar, no ato de sair para ver o que pode ser descoberto, capturado durante esse vagar por entre espaços. Por esses movimentos ensaiamos, ainda que timidamente, a possibilidade de fazer diferente daquilo que já se nos apresenta como desgastado. A desterritorialização supõe mais do que uma saída de um espaço físico concreto, exige uma desocupação no próprio corpo, daquilo que costumávamos ser. É “a demolição brutal de experiências gastas e formas foscas” (PRECIOSA, 2010, p. 54).
- *Um em casa, outro*: A casa neste caso pode ser entendida enquanto agenciamento, espaço aberto às combinações daquilo que nos importa, daquilo que nos toca e que merece ser guardado, trazido conosco para ser bricolado junto a sentimentos, histórias e imagens que, emaranhados criam um lugar. Os indivíduos nômades não se distinguem dos sedentários pelo despreço a uma porção que possam chamar de casa. Distinguem-se sim, pela abertura em ver sua casa transformada de tempos em tempos, cambiada, dilacerada por suas próprias convicções de que mesmo a casa, que congrega uma ideia de fixidez, deve ser efêmera, deve contemplar a possibilidade de virar ruína. A casa talvez mais do que um lugar concreto e endereçado, seja um conceito flutuante criado para dar conta da necessidade de algo que nos faça sentir abrigados, confortados e seguros, e isto tudo é também variável a depender de como e de quem desenha para si esse território.
- *Quem de dentro de si não sai*: Se, para Deleuze só se pensa porque se é forçado, porque existe algo que, estando fora do pensamento o força a fazer novas conexões, o faz vibrar, rompendo com estratificações e com aquilo que estava cristalizado, esta paisagem é também feita a partir de um esforço, de uma violência no sentido de forçar-nos a pensar, ser e fazer diferentemente daquilo que nos acostumamos. Nem que seja para seguir fazendo como antes. O que importa é colocar-se em estado de questionamento, permitir-se a dúvida para sair de si, mesmo se optarmos por voltar, pois o retorno nunca será para o mesmo. O sujeito nômade, no decurso de sua marcha, percebe que “lo que es importante es el devenir, el proceso de transformarse en algo diferente, y no necesariamente llegar a serlo” (HORNIKE, 2008, p. 66).

Deslocamento outro



Imagen 2: Bòvila (1982). Olga Pérez García. Fonte:
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10204076599657888&set=a.3511367105500.172517.1311566949&type=1&theater>

Ao lançar esta possibilidade, de pensar os sentidos e referências que foram produzidos no decorrer do tempo de pesquisa, enquanto paisagens, parto do pressuposto de que estas, assim como os participantes, estão constantemente se transformando. Atuamos e agimos em seus espaços, desmanchamos algumas formas e alguns mundos, e recriamos outros conceitos e perspectivas para experimentá-las. Vivenciamos processos contínuos de desterritorialização e reterritorialização a partir de experiências ífimas, menores. Assim, ao longo da tese, defendi que as paisagens se modificam, conforme mudamos nossos pontos de vista, nossos modos de ver e relacionarmo-nos com o que se passa em nossas vidas, sempre de modo engendrado às transformações sociais e à cultura.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997a.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *O abecedário de Gilles Deleuze*: transcrição integral do vídeo, para fins exclusivamente didáticos. Éditions Montparnasse: Paris, 1988.

HORNIKE, Dafna. *Los sujetos nómades en Clarice Lispector y Mayra Santos-Febres*. 2008. Tese de doutorado – Universidade de Alberta, 2008.

SERRANO, Antônio. *La Hija del Caníbal*. México, 2003, filme.

PRECIOSA, Rosane. *Rumores discretos da subjetividade: sujeito e escritura em processo*. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2010.

ROLNIK, Suely. *Uma insólita viagem à subjetividade – fronteiras com a ética e a cultura*. 1997. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUEL%20Y/viagensubjetic.pdf>>. Acesso em: 12 de junho de 2012.